



**SUPERINTENDÊNCIA
DA ZONA FRANCA DE MANAUS**

www.suframa.gov.br

Clipping Local e Nacional On-line

Nesta edição **7 matérias**

Coordenação Geral de Comunicação Social - CGCOM

Manaus, quinta-feira, 24 de janeiro de 2013

| | |
|--|----|
| O ESTADO DE SÃO PAULO Convergência para a meta será no 2º semestre, diz Tombini | 1 |
| VEICULAÇÃO NACIONAL | |
| O ESTADO DE SÃO PAULO Venda de relógios de luxo cresce 30% no Brasil | 2 |
| VEICULAÇÃO NACIONAL | |
| VALOR ECONÔMICO Tombini diz que inflação será contida | 4 |
| VEICULAÇÃO NACIONAL | |
| O GLOBO Tombini: país terá competição mais forte | 6 |
| VEICULAÇÃO NACIONAL | |
| PORTAL DA AMAZÔNIA Investimento do Setor Relojoeiro do Polo Industrial de Manaus cai 24% | 8 |
| VEICULAÇÃO NACIONAL | |
| BRASIL ECONÔMICO-SP Brasil exporta menos para países do Mercosul e do Bric | 10 |
| VEICULAÇÃO NACIONAL | |
| BRASIL ECONÔMICO-SP Mantega quer manter meta do superávit | 11 |
| VEICULAÇÃO NACIONAL | |

| | | | |
|--|--|------------------------|--|
|  | VEÍCULO O ESTADO DE SÃO PAULO | EDITORIA | |
| | TÍTULO Convergência para a meta será no 2º semestre, diz Tombini | | |
| ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO | ENFOQUE DE INTERESSE | VEICULAÇÃO NACIONAL | |

Presidente do BC reconhece que 'podemos e devemos fazer melhor', mas afirma que a inflação está sob controle

Fernando Dantas

O presidente do Banco Central (BC), Alexandre Tombini, disse ontem no Fórum Econômico Mundial que a inflação em 12 meses vai reiniciar a convergência para a meta (cujo centro é 4,5%) no segundo semestre. Ele reconheceu também que o BC pode melhorar o seu desempenho na perseguição da meta.

"Nós podemos fazer melhor e devemos fazer melhor. A inflação continua sob controle. É resiliente no curto prazo, temos um primeiro trimestre sazonalmente desfavorável, mas a inflação vai começar a convergência no segundo semestre", disse Tombini durante jantar em Davos para um pequeno grupo de participantes brasileiros do Fórum ou com interesse especial no País.

Tombini lembrou que, em 14 anos de regime de meta de inflação, apenas em cinco a inflação ficou abaixo dos 5,8% de 2012. "O mercado no passado exagerou no otimismo em relação ao Brasil e agora exagera no pessimismo", afirmou. Ele disse que a expectativa do mercado financeiro de crescimento da economia brasileira em 2013, ligeiramente acima de 3%, não é muito diferente daquela esperada pelo BC. E lembrou também que o Brasil tem pleno emprego.

Tombini disse que, em Davos, percebeu que o interesse na economia brasileira permanece muito forte. Ele mencionou contatos com representantes de setores que crescem 20% ao ano no Brasil (resseguros) e de um segmento, de cartões de crédito, no qual o Brasil é o segundo mercado mundial, depois dos EUA.

O presidente do BC também notou que o Brasil está recebendo investimento estrangeiro direto em volume de US\$ 65 bilhões por ano, enquanto a segunda destinação na América Latina (México) está na casa de US\$ 17 bilhões a US\$ 19 bilhões.

Também como exemplo de dinamismo da economia brasileira, Tombini citou o crescimento de 8% das vendas no varejo em 2012, mas ressaltou que "o Banco Central está

vigilante em relação ao que for preciso fazer para manter a estabilidade monetária e financeira".

Ele admitiu que houve "pequenos" problemas no sistema financeiro nos últimos dois anos, mas ressaltou que eles foram abordados de forma "muito tranqüila". "Posso dizer hoje, dois anos depois, que nosso sistema financeiro está até mais forte e resiliente até do que há alguns anos."

Tombini disse que as economias ricas, respondendo com reformas estruturais aos desafios da crise de mais de cinco anos, recuperaram competitividade. Segundo o presidente do BC, está muito claro para o governo brasileiro que, quando o mundo rico sair da crise, o nível de competição na economia global será mais acirrado, e o Brasil tem de se preparar para isso. A Espanha, por exemplo, notou o presidente do BC, teve um aumento de 20% nas suas exportações.

Assim, a agenda do governo é se preparar para mais competição no futuro, com iniciativas para cortar o preço da energia, o que deve favorecer o investimento. Tombini mencionou também a redução de impostos e iniciativas para qualificar a força de trabalho, de programas de bolsas de estudos no exterior e de, qualificação profissional.

Em termos de infraestrutura e transporte, ele disse que "foi uma mudança importante a realização de que o setor público não tem condição de ofertar essa grande necessidade de infraestrutura no Brasil, e o governo quer que o setor privado participe". "Detalhes" sobre retorno de investimento, ele acrescentou, serão resolvidos no processo.

Tombini afirmou ainda que o Brasil sabe lidar com a "guerra cambial" e, com as medidas tomadas pelo governo, a proporção de capital de curto e longo prazos que entra 110 País, que era de respectivamente de 70% e 30% em 2010 e no início de 2011, se inverteu.

Exageros

ALEXANDRE TOMBINI

PRESIDENTE DO BANCO CENTRAL

"O mercado no passado exagerou no otimismo em relação ao Brasil e agora exagera no pessimismo."

| | | | |
|--|---|------------------------|--|
|  | VEÍCULO O ESTADO DE SÃO PAULO | EDITORIA | |
| | TÍTULO Venda de relógios de luxo cresce 30% no Brasil | | |
| ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO | ENFOQUE DE INTERESSE | VEICULAÇÃO NACIONAL | |

Expansão

Com as vendas estagnadas nos países ricos, fabricantes apostam no aumento do número de milionários nos países emergentes para crescer

Jamil Chade

No pulso dos CEOs mais poderosos do mundo dos relógios de luxo, os ponteiros parecem sincronizados e indicam que a hora é de investir de forma pesada no Brasil. Com a explosão no número de milionários nos últimos anos, o País registrou a segunda expansão mais forte do mundo na venda de relógios de alta gama no mundo.

Dados divulgados nesta semana mostram que o aumento nas vendas no **Brasil** foi de 30,3% em 2012, taxa superada apenas pela explosão na demanda de relógios de luxo na Rússia, e mais de quatro vezes superior ao crescimento médio mundial. Os dados fazem parte do World Watch Report, informe que serve de termômetro do setor, formado por empresas com o hábito de não revelar números sobre suas vendas.

Assim como em todos os demais setores, a crise que já entra em seu quinto ano consecutivo nos países ricos fez a venda de relógios desabar nesses **mercados**. Mas os fabricantes sobrevivem graças ao fato de que, nos países emergentes, a nova classe de milionários está disposta a abrir seus bolsos para também adotar as marcas de luxo da Europa Ocidental.

Juntos, os Brics e os **mercados** asiáticos representam pela primeira vez 50% das vendas das grandes marcas de relógios, reunidas nesta semana em Genebra no Salão Internacional da Alta Relojoaria, o mais prestigioso do mundo.

Hoje, o **mercado** brasileiro já é maior que o da Arábia Saudita e equivalente ao da Índia ou Hong Kong. Segundo o levantamento, o **Brasil** está entre os doze maiores **mercados** do mundo. Ainda assim, representa apenas 1,2% das vendas globais. Mas a expansão de

30,3% superou o aumento de 27% na China e, para muitos, revela o potencial do **mercado** nacional.

As vendas no **Brasil** chegam a surpreender até mesmo os mais experientes CEOs do setor de luxo. Um deles é Ângelo Bonati, que comanda a Panerai, uma das marcas mais badaladas e que abriu em São Paulo sua primeira loja no continente. "Desde que abrimos uma loja em Miami, vimos o interesse dos brasileiros pela marca. Fiquei muito surpreso", declarou. "Há seis meses, abrimos uma loja em São Paulo e o que vimos foi uma vez mais uma surpresa. Não achávamos que a loja nos daria um resultado tão **importante** e tão rápido." Bonati evita fazer planos para o futuro. Mas não descarta que, se o ritmo de vendas continuar como o de 2012 - ele não revelou números -, não haveria porque não pensar em novos projetos, ainda que os impostos ainda sejam um obstáculo.

Quem também não esconde o entusiasmo com o **Brasil** é o CEO da Tag Heuer, Jean-Christophe Babin. Segundo ele, em apenas um ano, a empresa dobrou suas vendas no País. "O **Brasil** é um **mercado** impressionante", disse. "Nos últimos anos, a classe média alta cresceu e quer fazer parte do **mercado** do luxo."

Até o ano passado, a marca era vendida na rede de lojas H. Stern. Mas, em novembro, a decisão foi de abrir uma loja própria no Shopping Cidade Jardim, na capital paulista. Babin garante que essa será apenas a primeira de uma série de quatro ou cinco lojas que serão abertas no País nos próximos anos. Outra decisão estratégica da Tag Heuer foi a de dobrar os investimentos em publicidade, justamente para se tornar mais presente.

Para todos, se o atual ritmo de vendas no **Brasil** for mantido, em menos de cinco anos o País vai superar o volume de venda de relógios na Suíça, origem de grande parte das marcas. "Observamos um forte **desenvolvimento** pela relojoaria de luxo nos países emergentes", declarou o diretor de estratégia do Digital Luxury Group (DLG), Florent Bon-doux.

Segundo ele, os **mercados** emergentes garantiram um aumento de 7% nas vendas mundiais das marcas de luxo do setor. Entre as empresas, ninguém esconde que o foco é mesmo a China. Em 2012, 31% da demanda mundial por relógios veio de Pequim.

Pela primeira vez na história, a China superou o **mercado** americano como destino de relógios de luxo. Nos Estados Unidos, as vendas em 2012 representaram apenas 21% do total mundial, uma queda de 10,6% em apenas um ano.

| | | | |
|--|--|------------------------|--|
|  | VEÍCULO VALOR ECONÔMICO | EDITORIA | |
| | TÍTULO Tombini diz que inflação será contida | | |
| ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO | ENFOQUE DE INTERESSE | VEICULAÇÃO NACIONAL | |

Em jantar promovido pelo Fórum Econômico Mundial, em Davos, o presidente do Banco Central, Alexandre Tombini, rejeitou as acusações de que o governo abandonou os instrumentos tradicionais de controle da economia. Ele garantiu que o BC trará a inflação para a meta de 4,5%. "Vamos controlar a inflação", prometeu. E lembrou que dos 14 anos do sistema de metas, em 9 a inflação foi inferior aos 5,8% do ano passado.

Tombini justificou as medidas tomadas pelo governo para beneficiar empresas ameaçadas pela concorrência internacional. Numa das reuniões do evento, o sócio do BTG Pactual, Persio Arida, disse o contrário. "Não sigam o exemplo brasileiro", recomendou ao ministro de Finanças da Colômbia, Maurício Cárdenas, que se queixou da pressão de empresários para adotar medidas semelhantes às brasileiras.

BC fará o que for preciso para conter a inflação, diz Tombini em Davos

Por Sergio Leo | De Davos, Suíça

Para garantir uma saída sustentável da crise, as economias desenvolvidas serão obrigadas a tornar mais dura a competição por mercados, e o Brasil precisa se preparar para a disputa, disse o presidente do Banco Central, Alexandre Tombini, em jantar promovido pelo Fórum Econômico Mundial, em Davos, para participantes brasileiros do evento. Tombini rejeitou, mais uma vez as acusações de que o governo abandonou os instrumentos tradicionais de controle da economia, e afirmou que o Banco Central está comprometido em fazer a inflação convergir para a meta de 4,5% até o fim de 2013.

"O Banco Central está vigilante e vai fazer o que tiver de fazer para controlar a política monetária no Brasil. Vamos controlar a inflação, como foi o caso nos últimos nove anos", prometeu. "Podemos fazer melhor, queremos fazer e vamos fazer", garantiu, ao lamentar as pressões dos preços dos alimentos no quarto trimestre de 2012.

Tombini defendeu as medidas tomadas nos últimos meses pelo governo de Dilma Rousseff para beneficiar empresas ameaçadas pela concorrência internacional. Ele mencionou explicitamente a redução de tributos para setores

selecionados, a mudança favorável à participação do capital privado nos investimentos em infra-estrutura e a redução na taxa de juros, que, acredita, estimularão o aumento da produtividade total dos fatores de produção, com impacto positivo sobre o investimento.

"O peso dos tributos no Brasil é alto e o governo tem algum espaço fiscal para cuidar disso", disse.

Ele defendeu a gestão Dilma das acusações, no mercado, de que o país abandonou o chamado tripé macroeconômico, formado pelo câmbio flutuante, a meta de inflação e a responsabilidade fiscal. Dos 14 anos de existência do sistema de metas, em nove a inflação foi inferior aos 5,8% do ano passado, e o dólar teve grande variação no ano passado, estabilizando-se neste ano para lidar com o enorme fluxo de capital proveniente dos países com economia em recessão, argumentou.

"Temos uma política de acumulação de reservas no Brasil. Não abandonamos essa política", afirmou. As fortes mudanças no cenário mundial, com o crescimento excessivo da liquidez obrigaram o BC a agir para evitar instabilidades no mercado financeiro, argumentou. Para Tombini, o mercado internacional estava excessivamente otimista com o Brasil no passado recente e pode estar, agora, exagerando no sentido oposto.

A crítica à guerra cambial nos mercados globais, termo popularizado pelo ministro da Fazenda, Guido Mantega, foi uma expressão muito "afortunada", mas não é mais uma grande preocupação para o Brasil, afirma o presidente do Banco Central. O governo agiu para minimizar o impacto da desvalorização de moedas internacionais, que afetou a competitividade brasileira. "Lutamos contra essa guerra cambial e sabemos lidar com isso", disse, referindo-se a medidas como o controle de entrada de capital especulativo e a atuação no mercado que desvalorizou o real em relação ao euro e dólar.

"A guerra fiscal continua a ser uma questão, mas não é tanto um problema para o Brasil [quanto para outros países]", comparou. A intervenção responsável do governo não afetou a atratividade do país para o capital internacional, que continua sendo desejado para garantir o crescimento,

argumentou. Hoje, cerca de 70% do fluxo de capital ao Brasil é investimento direto, o maior volume da América Latina, US\$ 65 bilhões em 2012, o quarto maior do mundo e US\$ 41 bilhões acima do que foi investido no segundo maior receptor de investimentos no continente latino-americano, comentou.

Tombini previu que deve aumentar a pressão sobre os países desenvolvidos por medidas de afrouxamento monetário, que levam à desvalorização das moedas fortes. Sem espaço fiscal e com juros chegando a zero, não há alternativa para esses países, previu.

O Brasil vem se preparando para esse momento, está com o setor financeiro mais sólido e, ao contrário do que apontam alguns críticos, não caiu na "armadilha do baixo crescimento" dos emergentes. O país, ao contrário do que prevê a teoria nesses casos, está com pleno emprego, não tem moeda subvalorizada e nem tem uma situação demográfica desfavorável, com menos pessoas entrando no mercado de trabalho do que na aposentadoria, listou Tombini.



| | | |
|---|-------------------------|------------------------|
| VEÍCULO O GLOBO | EDITORIA | |
| TÍTULO Tombini: país terá competição mais forte | | |
| ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO | ENFOQUE DE INTERESSE | VEICULAÇÃO NACIONAL |

Sobre inflação brasileira, presidente do BC diz que "podemos e devemos fazer melhor"

DAVOS. Num jantar com participantes brasileiros da reunião anual do Fórum Econômico Mundial, em Davos, o presidente do Banco Central, Alexandre Tombini, avisou que o **Brasil** terá que se preparar para uma competição ainda mais forte "em alguns poucos anos", quando países ricos se reerguerem da crise. E afirmou que o governo de Dilma Rousseff já trabalha com este cenário:

- Em alguns poucos anos, quando as economias saírem da crise, e já temos alguns sinais este ano, vamos ver uma competição muito mais dura do que antes da crise. Precisamos nos preparar para isso. E a agenda do governo já está trabalhando com o cenário de mais competição no futuro.

Tombini disse que, se no passado o **mercado** pecou por excesso de otimismo, agora peca por excesso de pessimismo - os dois são "injustificáveis" na sua opinião. Seu argumento é de que o país hoje é mais forte. O presidente do BC lembrou que o **mercado** espera crescimento de 3% este ano. Sua avaliação é que a inflação está sob controle e deve convergir para a meta no segundo semestre. O BC está "vigilante", disse. Mas reconheceu:

- Nos 14 anos de meta, a inflação foi maior que 5,8% em nove anos. Nós podemos fazer melhor. Nós devemos fazer melhor. (Deborah Berlinck)

Convergência para a meta será no 2º semestre, diz Tombini

Presidente do BC reconhece que "podemos e devemos fazer melhor", mas afirma que a inflação está sob controle

Fernando Dantas

ENVIADO ESPECIAL / DAVOS

O presidente do Banco Central (BC), Alexandre Tombini, disse ontem no Fórum Econômico Mundial que a inflação em 12 meses vai reiniciar a convergência para a meta (cujo centro é 4,5%) no segundo semestre. Ele reconheceu também que o BC pode melhorar o seu desempenho na perseguição da meta.

"Nós podemos fazer melhor e devemos fazer melhor. A inflação continua sob controle. É resiliente no curto prazo, temos um primeiro trimestre sazonalmente desfavorável, mas a inflação vai começar a convergência no segundo semestre", disse Tombini durante jantar em Davos para um pequeno grupo de participantes brasileiros do Fórum ou com interesse especial no País.

Tombini lembrou que, em 14 anos de regime de meta de inflação, apenas em cinco a inflação ficou abaixo dos 5,8% de 2012. "O **mercado** no passado exagerou no otimismo em relação ao **Brasil** e agora exagera no pessimismo", afirmou. Ele disse que a expectativa do **mercado** financeiro de crescimento da economia brasileira em 2013, ligeiramente acima de 3%, não é muito diferente daquela esperada pelo BC. E lembrou também que o **Brasil** tem pleno emprego.

Tombini disse que, em Davos, percebeu que o interesse na economia brasileira permanece muito forte. Ele mencionou contatos com representantes de setores que crescem 20% ao ano no **Brasil** (resseguros) e de um segmento, de cartões de crédito, no qual o **Brasil** é o segundo mercado mundial, depois dos EUA.

O presidente do BC também notou que o **Brasil** está recebendo investimento estrangeiro direto em volume de US\$ 65 bilhões por ano, enquanto a segunda destinação na América Latina (México) está na casa de US\$ 17 bilhões a US\$ 19 bilhões.

Também como exemplo de dinamismo da economia brasileira, Tombini citou o crescimento de 8% das vendas no varejo em 2012, mas ressaltou que "o Banco Central está vigilante em relação ao que for preciso fazer para manter a estabilidade monetária e financeira".

Ele admitiu que houve "pequenos" problemas no sistema financeiro nos últimos dois anos, mas ressaltou que eles foram abordados de forma "muito tranquila".

"Posso dizer hoje, dois anos depois, que nosso sistema financeiro está até mais forte e resiliente até do que há alguns anos." Tombini disse que as economias ricas, respondendo com reformas estruturais aos desafios da crise de mais de cinco

anos, recuperaram competitividade. Segundo o presidente do BC, está muito claro para o governo brasileiro que, quando o mundo rico sair da crise, o nível de competição na economia global será mais acirrado, e o **Brasil** tem de se preparar para isso. A Espanha, por exemplo, notou o presidente do BC, teve um aumento de 20% nas suas **exportações**.

Assim, a agenda do governo é se preparar para mais competição no futuro, com iniciativas para cortar o preço da energia, o que deve favorecer o investimento. Tombini mencionou também a redução de impostos e iniciativas para qualificar a força de trabalho, de programas de bolsas de estudos no exterior e de um qualificação profissional.

Em termos de infraestrutura e transporte, ele disse que "foi uma mudança **importante** a realização de que o setor público não tem condição de ofertar essa grande necessidade de infraestrutura no Brasil, e o governo quer que o setor privado participe". "Detalhes" sobre retorno de investimento, ele acrescentou, serão resolvidos no processo.

Tombini afirmou ainda que o **Brasil** sabe lidar com a "guerra cambial" e, com as medidas tomadas pelo governo, a proporção de capital de curto e longo prazos que entra no País, que era de respectivamente de 70% e 30% em 2010 e no início de 2011, se inverteu.



De acordo com levantamento da Suframa, os postos de trabalho no segmento cresceram 10,3% entre 2011 e 2012.

MANAUS – O Polo Relojoeiro de **Manaus** perde performance em 2012 caiu do 2º lugar no ranking de investimento e de faturamento em 2011 para o 9º lugar na parcial de janeiro à novembro do ano passado. Os três primeiros lugares foram para o Eletroeletrônico com 35,28%, o de Duas Rodas 18,19% e o Químico em terceiro lugar com 11,79%.

Segundo dados divulgados pela **Suframa** (**Superintendência** da **Zona Franca** de **Manaus**) o investimento produtivo do Pólo Relojoeiro foi de US\$ 78,5 milhões caindo 24% em relação aos US\$ 103,6 milhões investidos em 2011.

De acordo com levantamento da **Suframa** o faturamento do Pólo Relojoeiro caiu de US\$ 644,2 milhões para US\$ 592,2 milhões, uma queda acentuada de 8%. Já os postos de trabalho no segmento cresceram 10,3% entre 2011 e 2012.

Mesmo sem apresentar sinal de crise na **produção** de relógios de pulso, a queda no investimento produtivo foi significativa diante da crescente obtida no fechamento do exercício de 2011, conforme análise do presidente do Sindicato das Indústrias de Relojoaria e Ourivesaria de **Manaus**, Nelson Azevedo dos Santos, “considerado por muitos como símbolo de poder, o relógio de pulso continua sendo, em plena era dos celulares, objeto de desejo de homens e mulheres. Não há nenhuma indicação de que a **produção** de relógios de pulso tenha reduzido”, observou.

Ainda de acordo com o presidente do sindicato a aposta no setor relojoeiro do **PIM** (**Pólo Industrial** de **Manaus**) tem apresentado bons resultados como o de 2012, “A expectativa é de que o faturamento ultrapasse US\$ 644 milhões e aconteceu”, disse.

Sendo oito empresas que compõem o Pólo Relojoeiro segundo Santos, com destaque para a Dumont, Technos, Seculus, Oriente, Magnus, Citizen, que produzem cerca de 1 milhão de unidades por mês de relógios de pulso e de bolso,

sendo 99% para o **mercado** interno. Ele destacou a criação de novos postos de trabalho, de 1.372 empregos em 2006, o setor saltou para 2.428, em 2012. No comparativo entre 2012 e 2011, o crescimento foi da ordem de 10,3%.

Segundo Nelson Santos o segmento de relógio passou por um período difícil no **PIM**, em razão do forte contrabando e da pirataria, mas que a situação tem melhorado nos últimos anos devido o combate feito a essas práticas com ações efetivas da Polícia Federal, Receita Federal, Associação Brasileira de Combate ao Contrabando, entre outras entidades.

Na qualidade de representante de entidade de classe, Santos alerta para os danos causados à economia amazense pelos produtos pirateados e contrabandeados ou subfaturados que são vendidos em **Manaus**. “Essa prática gera uma concorrência desleal e predatória para as empresas que estão instaladas no **Pólo Industrial** de **Manaus**, que pagam seus impostos e encargos, além de gerar emprego e renda”. Finalizando, disse que os relógios populares produzidos no **PIM** têm maior qualidade comparado com os de origem chinesa comercializados na cidade.

Dumont Saab do **Brasil** foi a segunda empresa do segmento relojoeiro a se instalar na **ZFM**, em abril de 1970, com a denominação de Nelima Indústria de Relógios Ltda., a Dumont, uma das empresas que compõem o Pólo Relojoeiro de **Manaus**, produz 130 mil unidades de relógios por mês gerando 350 empregos.

De acordo com o gerente de Recursos Humanos da empresa, Ivanildo Belém, 70% dos trabalhadores são mulheres que têm demonstrado mais habilidade e prazer para produzir relógios. Ele disse que a Dumont é detentora de 11 marcas de relógios, como Condor, Timex, Adidas, Diesel, Fossil Michael Kors, Marc Jacobs e Armani, que produzem cerca de 3 mil modelos de relógios, de variados designers para esportistas e executivos, crianças, jovens e adultos. Segundo Ivanildo, 10% do total dos trabalhadores têm qualificação especial e são considerados relojoeiros, com larga experiência na área e que são muito disputados pelo **mercado**.

O coordenador do Sistema de Gestão e Qualidade, Almir Menezes disse que a **produção** é toda destinada ao

consumo interno e que os relógios produzidos pela Dumont são comercializados em todos os estados brasileiros, ressaltando que depois de produzidos, os relógios são enviados para a Unidade Comercial, em São Paulo, para a entrega aos estados.

Segundo Menezes, os relógios Dumont são comercializados no valor entre R\$ 70 e R\$ 3.000 para atender todas as classes sociais.

De acordo com o gerente-administrativo-financeiro, Álvaro Regis, a **produção** da Dumont, no **Brasil** está toda concentrada em **Manaus** e atinge 90% da **produção** internacional, ressaltando que até o final de 2013 toda a **produção** mundial com a marca Dumont estará concentrada no Polo Industrial de **Manaus**.



| | | |
|---|-------------------------|------------------------|
| VEÍCULO BRASIL ECONÔMICO-SP | EDITORIA | |
| TÍTULO Brasil <u>exporta</u> menos para países do <u>Mercosul</u> e do Bric | | |
| ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO | ENFOQUE DE INTERESSE | VEICULAÇÃO NACIONAL |

Por outro lado, país conseguiu elevar a venda de produtos manufaturados para outras economias emergentes em 2012

Cristina Ribeiro de Carvalho

O ano de 2012 não foi muito positivo para as exportações brasileiras. Os embarques do país para os três principais blocos econômicos caíram no período. Segundo dados do Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio Exterior (MDIC), no Mercado Comum do Sul (Mercosul) as vendas atingiram apenas US\$ 22,8 bilhões; entre os países do Bric (formado por Rússia, Índia e China, do qual o país Brasil faz parte), US\$ 49,9 bilhões; e Ásia, US\$ 75,3 bilhões, valores que representam queda de 18,13%, 3,45% e 1,79%, respectivamente (veja quadro ao lado). Apesar de um desempenho ruim para o ano, é possível observar que as exportações de produtos manufaturados, aqueles com maior valor agregado, ganharam força nos mercados além do Mercosul, com alta de 18,01% no Bric e de 5,5% na Ásia. “Esse resultado indica que o Brasil tem um grande mercado potencial para ser explorado além dos muros do Mercosul e da América Latina. E essa ampliação de mercado é bem-vinda.

O Brasil precisa explorar esses novos mercados”, aponta José Augusto de Castro, vice-presidente executivo da Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB). Para que a participação do Brasil seja ampliada nesses mercados, Castro sugere que o governo invista em políticas comerciais, com negociações diplomáticas e ataca a forma como o Mercosul conduz as exportações. “O Mercosul está se tornando um bloco ideológico, sem rumo comercial, dificultando as vendas de produtos brasileiros”, destaca. Diante desses dados, Ricardo Senne, sócio da Prospectiva Consultoria, avalia que o

ganho de participação de produtos nacionais nesses mercados tem ligação direta com o perfil socioeconômico dessas economias que emergem na mesma proporção que o Brasil. “Os nossos produtos têm perfis que condizem com a realidade e demandas desses países em desenvolvimento, semelhantes ao mercado brasileiro”, diz, apontando alguns setores mais receptíveis, como o de montagem de ônibus, máquinas e material elétrico, motores de caminhões, empresas de autopeças, toda a linha branca e até mesmo equipamentos odontológicos. Isso acontece, ainda de acordo com Senne, pelo grande tecnologia demandada para cada tipo de segmento.

Ele explica que em economias emergentes a infraestrutura não se compara a de países de primeiro mundo e por isso produtos de tecnologia intermediária são mais bem-vindos. “A Marcopolo, fabricante de ônibus, é um exemplo. Ela oferece veículos que estão mais adequados à estruturas precárias das ruas dessas regiões. Mas quando falamos de Suíça e Noruega, a exigência é por ônibus com grau de tecnologia mais elevada”, afirma. Apesar de avaliar os mercados fora das fronteiras do Mercosul como potenciais, Senne argumenta que a região é ainda estratégica para o comércio internacional brasileiro. “Não atentar para isso é um tiro no pé”, finaliza. Já Evaldo Alves, professor de comércio exterior da Fundação Getúlio Vargas (FVG) Management, argumenta que o Brasil ainda sofre com falta de competitividade em seus produtos, por conta de falta de investimentos em tecnologia e inovação, o que pode barrar o aumento de sua participação no mercado externo. “Os países que compõe o Bric estão crescendo. O século 21 será dos emergentes. Essa concorrência tem feito com que as economias busquem aumentar sua eficiência produtiva, oferecendo melhor qualidade aos produtos industriais. Mas o Brasil não tem apresentado esse desempenho”, finaliza.

| | | | |
|--|--|-------------------------|------------------------|
|  | VEÍCULO BRASIL ECONÔMICO-SP | EDITORIA | |
| | TÍTULO Mantega quer manter meta do superávit | | |
| | ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO | ENFOQUE DE INTERESSE | VEICULAÇÃO NACIONAL |

Ministro prefere aumentar investimentos que seriam deduzidos da meta primária

Alonso Soto, da Reuters

O ministro da Fazenda, Guido Mantega, não quer reduzir a meta de superávit primário do governo este ano, disseram duas fontes governamentais à Reuters, destacando o dilema do país sobre como relaxar as estritas regras fiscais sem provocar pressões de gastos. O governo da presidente Dilma Rousseff sinalizou que está disposto a afrouxar as restrições orçamentárias para sustentar a sexta maior economia do mundo, que parece não reagir à mais de um ano de medidas de estímulo sem interrupção. Uma opção que as autoridades estão discutindo, e que não é a preferida de Mantega, é um corte direto da meta de superávit primário, de R\$ 155,9 bilhões, ou cerca de 3,1% do Produto Interno Bruto (**PIB**), considerada extremamente alta para uma grande economia. Qualquer mudança na meta, porém, deve levantar preocupações de que Dilma esteja mexendo em políticas que

têm sido a base da estabilidade financeira do **Brasil** desde 1994. Investidores acompanham o superávit primário de perto, já que o veem como uma medida de disciplina fiscal do Brasil. O superávit primário — economia feita pelo setor público para pagamento de juros — é uma medida da capacidade de um país de pagar suas obrigações. Uma meta mais relaxada permite ao governo cortar mais impostos para as indústrias, em uma tentativa de aumentar o investimento. Mantega, um poderoso membro da equipe econômica, prefere manter a meta e excluir os investimentos públicos e as deduções fiscais do superávit primário do Brasil, movimento permitido pela lei brasileira. “O ministro está mais inclinado a favor do aumento da quantidade de investimentos que seriam deduzidos da meta primária”, disse um funcionário do governo com conhecimento das negociações. “Reduzir o superávit primário aumenta as pressões de gastos de funcionários públicos e legisladores que querem aumentar os gastos correntes. Nós não que-remos isso.”